

XV Reunião de Antropologia do Mercosul
04 a 08 de agosto de 2025, UFBA, Salvador, BA, Brasil
Grupo de Trabalho: GT 030: Antropologia dos Povos Tradicionais Costeiros:
Práticas Sociais, Disputas Identitárias e Conflitos

Percepções de sustentabilidade e práticas coviáveis: o saber-fazer das pescadoras artesanais da RESEX Marinha Mocapajuba, em São Caetano de Odivelas (PA)

Alice Emilly Mendes de Castro Correia¹ (UFPA)
Quéren Hapuque Pantoja Lobo² (UFPA)

Resumo: Este trabalho trata da percepção sobre sustentabilidade e das práticas coviáveis presentes no cotidiano — e mesmo nas narrativas — de marisqueiras e lideranças femininas da pesca no interior da Reserva Extrativista Marinha Mocapajuba (RESEX-Mar Mocapajuba), localizada em São Caetano de Odivelas-PA. A pesquisa se realiza desde 2022 e faz uso de entrevistas semiestruturadas junto a pescadoras de comunidades da RESEX, priorizando lideranças envolvidas em sua criação. Adotou-se a história oral como metodologia para escutar trajetórias e modos de fazer das mulheres na pesca. A UC foi criada em 2014, após anos de mobilização comunitária liderada por associações de mulheres pescadoras, cuja atuação coletiva foi essencial na luta por políticas ambientais e pelo reconhecimento da pesca como forma legítima de cuidado territorial. Os relatos mostram um cotidiano pesqueiro de práticas coviáveis e uma sustentabilidade que se traduz nas práticas de manejo dos recursos pesqueiros, assim como na preocupação com a ausência do Plano de Manejo e do seguro-defeso para a mariscagem. As experiências femininas, sejam como pescadoras e/ou lideranças, revelam um saber-fazer que emerge de uma compreensão da natureza como limite às ações humanas, evidenciando uma relação com o ambiente orientada pela conservação e pela continuidade da vida no território.

Palavras-chave: Mulheres na pesca; protagonismo feminino; sustentabilidade; coviabilidade; costa amazônica.

¹ Graduanda do Bacharelado em Ciências Sociais. Instituto de Filosofia e Ciências Humanas (IFCH), Universidade Federal do Pará (UFPA), Brasil. Email: alicecastro706@gmail.com

² Mestra pelo Programa de Pós-Graduação em Sociologia e Antropologia da UFPA (PPGSA/UFPA). Email: querenhlobo@gmail.com

Introdução

A pesca artesanal figura como uma atividade essencial para as comunidades tradicionais da costa norte amazônica, sendo um dos principais meios de subsistência e fonte de renda. Conforme aponta Furtado (1981), as condições físico-geográficas da região, marcadas por rios, igarapés e uma extensa orla marítima, favorecem práticas pesqueiras que se baseiam em saberes locais, tecnologias simples e em uma relação direta com os ciclos ecológicos. A fertilidade dos ambientes costeiros é alimentada pelos manguezais e sedimentos trazidos pelos rios, criando ecossistemas de alta produtividade, que garante a diversidade de espécies e a própria continuidade da pesca artesanal (Isaac-Nahum, 2006). No litoral paraense, a pesca costeira praticada por comunidades tradicionais constitui um arranjo produtivo marcado por formas de vida que se mantêm apesar de dificuldades estruturais de acesso aos meios de produção.

Embora subestimada, a atuação das mulheres na atividade pesqueira amazônica tem grande influência sobre a organização social e econômica das comunidades locais (Furtado, 2015). Nas comunidades pesqueiras do Salgado Paraense, essa atuação é traduzida em papéis de liderança que rompem com hierarquias de gênero tradicionalmente observadas (Santos, 2016; Lobo, 2017; Ravena-Cañete et al., 2018; Freitas, 2018; Silva, 2020). Ainda assim, sua presença na pesca segue marcada por desigualdades, que impactam tanto o reconhecimento de seu trabalho quanto as representações construídas sobre ele na literatura. Apesar disso, entre as décadas de 1990 e 2020, vem ocorrendo uma transição na interpretação do papel da mulher na pesca, passando da invisibilização da sua atuação ao protagonismo com práticas pesqueiras sustentáveis (Lobo et al., 2024).

Diante disso, esse protagonismo se expressa em práticas de manejo que, embora não citadas formalmente como tal, englobam dimensões de sustentabilidade vinculadas aos modos tradicionais de uso dos recursos naturais. Como pondera Cavalcanti (2012), a sustentabilidade deve ser compreendida como a capacidade de manter a vida (humana e não humana), respeitando os limites dos ecossistemas dos quais ela depende. Nas comunidades pesqueiras amazônicas, essa perspectiva se manifesta em saberes cotidianos transmitidos entre gerações, que orientam desde os tempos da pesca até os espaços de captura e o cuidado com os ciclos reprodutivos das

espécies. Trata-se, portanto, de um *saber-fazer* que se realiza no trabalho diário da atenção voltada às dinâmicas ecológicas, de modo a viabilizar a reprodução social das famílias e a continuidade do ambiente pesqueiro.

Localizada no município de São Caetano de Odivelas, na mesorregião do Salgado Paraense, a Reserva Extrativista Marinha Mocapajuba (RESEX-Mar Mocapajuba) configura-se como um território onde essas formas de manejo e cuidado estão atreladas à intensa atividade da pesca artesanal, com destaque para a captura do caranguejo e do camarão, e para a expressiva participação das mulheres em diferentes frentes da cadeia produtiva (Lobo, 2017; Ravena-Cañete et al., 2018; Freitas, 2018; Silva, 2020). Nesse contexto, a pesca artesanal constitui a principal fonte de reprodução social e econômica das comunidades locais, sendo praticada ao longo de todo o ano. A produção costuma ser comercializada em portos locais ou por meio de intermediários, e envolve tanto homens quanto mulheres, cujas formas de inserção variam conforme as condições ambientais e os arranjos familiares e comunitários (Santos, 2016).

Figura 1 - Porto utilizado por pescadoras para o desembarque da produção. Vila do Aê, São Caetano de Odivelas-PA.



Fonte: Trabalho de campo, 2023.

A atenção cotidiana aos ritmos da natureza e à manutenção da vida coletiva permite entrever perspectivas que vão além da sustentabilidade como discurso abstrato. São experiências que apontam para formas de coexistência onde a viabilidade dos modos de vida humanos está relacionada à continuidade dos ecossistemas de que dependem. É nesse sentido que se torna pertinente a categoria *coviabilidade*, proposta por Barrière et al. (2019), para designar situações em que a vida social e os sistemas ecológicos não somente coexistem como se reforçam mutuamente. Ao invés de separar sociedade e natureza, a categoria reconhece a interdependência entre ambas, propondo uma visão que considera a manutenção dos vínculos ecológicos como condição para a permanência dos modos de vida tradicionais.

A partir desse cenário, o presente estudo tem como base empírica as experiências acumuladas ao longo de variadas idas a campo realizadas entre 2022 e 2025, escutando trajetórias de diversas pescadoras da RESEX-Mar Mocapajuba. A pesquisa objetivou compreender como essas mulheres constroem, no dia a dia, práticas atravessadas por valores de cuidado com o território e pela luta para permanecer no lugar.

Considerando que a RESEX-Mar Mocapajuba é uma Unidade de Conservação (UC) de Uso Sustentável fruto da mobilização de mulheres pescadoras, pergunta-se: **como as perspectivas de sustentabilidade e coviabilidade figuram como importantes norteadores para a demanda e implementação da RESEX a partir do modo de ser e fazer das pescadoras de São Caetano de Odivelas-PA?** A hipótese é que essas perspectivas engendraram o processo de criação da RESEX Marinha Mocapajuba. O objetivo geral é identificar elementos dessas práticas que possam ser compreendidos como formas *coviáveis* de habitar e manejar o ambiente, por se manterem em contraste com os modelos hegemônicos de gestão ambiental. Para tanto, o texto organiza-se em 2 seções, a primeira discute as categorias de sustentabilidade e coviabilidade para compreender o manejo territorial; a segunda analisa o *saber-fazer* das pescadoras e a mobilização política que levou à criação da RESEX-Mar Mocapajuba.

Metodologia

Este item apresenta a trajetória metodológica do trabalho, destacando os procedimentos de coleta dos dados, os instrumentos utilizados e recorte de análise adotado. Trata-se de uma pesquisa desenvolvida no âmbito de um projeto de Iniciação Científica (IC), com atividades de campo realizadas entre 2023 e 2025 na RESEX-Mar Mocapajuba.

A investigação parte de uma abordagem qualitativa, com uso complementar de dados quantitativos, e surge a partir de sucessivas idas a campo que possibilitaram o amadurecimento do olhar sobre a pesca artesanal de arrasto do camarão, ênfase deste estudo. Ainda que o projeto de IC esteja voltado a essa atividade, também foram observadas práticas relacionadas a outras pescas, como a do caranguejo e a de rede, à medida que tais dimensões emergiram nas narrativas e nas experiências compartilhadas pelas interlocutoras.

Os campos ocorreram nos seguintes períodos: dias 12 e 13 de agosto de 2023, 23 e 24 de agosto de 2024 e 21 e 22 de março de 2025, com visitas em algumas comunidades da RESEX, a saber: Vila do Aê, Boa Vista, Monte Alegre e Ponta Bom Jesus. Os instrumentos de coleta de dados utilizados consistiram em questionários semiestruturados, entrevistas em profundidade, conversas informais, registros fotográficos e observação direta. No decorrer de toda a pesquisa, foram aplicados um total de 36 questionários e realizadas 8 entrevistas em profundidade.

Para o tratamento de dados, ocorreu a revisão dos questionários aplicados, a construção de uma máscara em software estatístico e a digitalização das respostas, de modo a permitir análises quantitativas e a posterior articulação com a discussão qualitativa. As entrevistas em profundidade foram analisadas através da metodologia da história oral, que reconhece as memórias individuais como fontes legítimas de conhecimento e permite compreender processos sociais a partir das experiências concretas de quem os vive (Thompson, 1998). As conversas foram gravadas e transcritas na íntegra para melhor explorar as narrativas apresentadas pelas entrevistadas.

1. Sustentabilidade e Coviabilidade como categorias para pensar o manejo do território

Para compreender de que forma as práticas exercidas por mulheres pescadoras da RESEX-Mar Mocapajuba podem ser interpretadas como formas equilibradas de habitar e manejar o território, é necessário apresentar as categorias que direcionam essa análise. Esta seção se dedica, portanto, à discussão das categorias sustentabilidade e coviabilidade, cuja articulação orienta a interpretação proposta neste trabalho.

Considerando que a luta pela criação da RESEX-Mar Mocapajuba não surgiu de um plano ambiental externo, mas da reação de pescadoras locais, o processo pode ser compreendido como resposta à ameaça da continuidade da vida no território e às pressões ecológicas, econômicas e sociais em curso. Dessa forma, para além da garantia do acesso ao pescado, a luta envolvia os diversos vínculos que dão sentido ao trabalho coletivo, como a transmissão de saberes e a permanência na praia e no mangue.

Essa perspectiva converge com a crítica de Cavalcanti (2010) à lógica dominante da economia. Para o autor, a sustentabilidade não deve ser tratada como ajuste ao modelo produtivo vigente, mas como reorganização de suas bases. A economia ecológica reconhece que toda produção acontece em um ambiente finito, submetido a limites biofísicos. O desenvolvimento, nesse sentido, só é aceitável se respeitar a capacidade de suporte dos ecossistemas. A natureza deixa de ser tratada como elemento externo, como propõe a economia convencional, e passa a ser entendida como condição vital para a própria existência. No contexto da pesca artesanal, essa abordagem ajuda a compreender o por que, sobretudo entre as mulheres, decisões como evitar a sobrepesca ou restringir capturas não se baseiam apenas em interesse individual, mas expressam modos de manter um ritmo possível de vida compartilhada.

Partindo desse entendimento, Cavalcanti (2012) também critica o crescimento como medida inevitável de progresso. Nesse contexto, a constante necessidade de expandir a economia, mesmo diante do esgotamento dos recursos e das desigualdades estruturais, revela um impasse moral. Sustentabilidade, nesse caso, não é a busca por eficiência, mas uma decisão ética de contenção, mesmo quando há meios para explorar

mais. Essa escolha implica reconhecer que nem tudo pode ser mercadoria, que há valores que não cabem na lógica da troca, e que viver bem não é o mesmo que acumular. Portanto, é o próprio futuro coletivo que está em disputa.

Dessarte, Cavalcanti (2015) destaca que a sustentabilidade não deve ser compreendida apenas como princípio de gestão ambiental, mas como parte de uma transformação mais ampla nas formas de pensar a sociedade. A economia ecológica, nesse viés, surge como um outro modo de organizar as relações e parte da ideia de que não há separação entre ambiente e sociedade, tendo em vista que os limites ecológicos devem orientar as escolhas políticas e econômicas. Essa perspectiva propõe uma reorganização do pensamento moderno, questionando a centralidade do mercado e recolocando a vida (e não o lucro) como referência maior.

Embora autores da economia ecológica, como Cavalcanti, tenham contribuído para aprofundar criticamente a categoria sustentabilidade e denunciar sua apropriação instrumentalizada por agendas internacionais, Barrière et al. (2019) argumentam que esse conceito, mesmo nos debates críticos, ainda carrega marcas do pensamento moderno. Muitas propostas seguem orientadas por uma lógica de gestão eficiente dos recursos, sem romper com a separação entre sociedade e natureza. Por isso, os autores defendem a formulação de um novo paradigma, no qual a vida, em sua pluralidade e interdependência, esteja no centro das escolhas coletivas.

Diante disso, Barrière et al. (2019) propõem a categoria coviabilidade como uma alternativa mais radical. A ideia parte do princípio de que os sistemas sociais e os sistemas ecológicos são inseparáveis. Não há sociedade possível sem ambiente, nem ecossistemas conservados sem modos de vida que os manejem. Assim, coviabilidade diz respeito a como diferentes formas de vida compartilham o mesmo espaço e lidam, no cotidiano, com seus limites e conflitos em um planeta finito.

Segundo Barrière et al. (2019), para além da compatibilidade entre sistemas sociais e ecológicos, é preciso repensar os vínculos entre humanos e não humanos, enfraquecidos por uma racionalidade moderna que naturalizou a separação entre sociedade e natureza. Nesse sentido, a categoria contesta as abordagens universalistas da sustentabilidade, propondo em seu lugar um paradigma relacional, atento à diversidade de formas de manejo, saberes locais e territórios.

Essa proposta é construída em diálogo com aportes da ecologia, do direito ambiental, da antropologia e da filosofia política. O caráter multidisciplinar do projeto reforça a ideia de que a coviabilidade é uma proposta epistemológica e política que visa deslocar a centralidade do humano como medida de todas as coisas. Trata-se de recolocar a solidariedade, entre seres vivos, entre territórios, entre tempos, como princípio ético da existência compartilhada (Barrière et al., 2019).

Nesse sentido, Castro (2019) aponta que a força política da coviabilidade está em sua recusa aos modelos universais e às soluções técnicas descoladas das realidades locais. Ao afirmar que não há coexistência possível sem negociação, conflito e compromisso, é deslocado o debate para o terreno das experiências concretas, onde a relação entre sociedade e natureza se reinventa continuamente. Trata-se, portanto, de uma proposta que busca superar o próprio paradigma do desenvolvimento sustentável, recolocando a vida, em sua pluralidade e interdependência, no centro das escolhas coletivas. Significa visualizar que a interdependência entre formas de vida se constrói em meio a relações marcadas por experiências históricas, afetivas e políticas. É nesse plano do cotidiano que a coviabilidade ganha forma. E são justamente as práticas das pescadoras da RESEX-Mar Mocapajuba que permitem apreender como essa articulação entre vida e território se realiza de maneira singular.

2. Saber-fazer e mobilização política: o protagonismo das mulheres na RESEX-Mar Mocapajuba

A presente seção parte das práticas de *saber-fazer* das pescadoras da RESEX-Mar Mocapajuba para discutir como a sustentabilidade e a coviabilidade ganham forma no cotidiano e se articulam à luta política pela criação da reserva. Divide-se em duas subseções: a primeira analisa como as pescadoras expressam formas de cuidado com o território a partir de saberes transmitidos e atualizados no trabalho da pesca artesanal; a segunda contextualiza o percurso de mobilização comunitária que resultou na criação da RESEX, destacando o protagonismo das mulheres na luta pela continuidade no/do território.

2.1 Saber-fazer e manejo no cotidiano das pescadoras

Esta subseção apresenta reflexões construídas a partir de entrevistas e conversas informais com as pescadoras da RESEX-Mar Mocapajuba, que compartilharam modos de fazer e entender a pesca para além da lógica técnica ou produtivista. Os relatos de campo revelam que o *saber-fazer* feminino na pesca resulta de conhecimentos transmitidos entre gerações, adaptação aos ciclos ambientais e alternativas construídas para manter a atividade diante de limitações.

No contexto da pesca artesanal de arrasto de camarão realizada na RESEX, o principal petrecho utilizado é o *puçá de arrasto*, uma arte de uso manual que demanda a atuação conjunta de duas pessoas. Como relatado em campo, esse instrumento é manuseado durante a maré baixa, sem exigir embarcação para a captura em si, apenas para o deslocamento até os pontos de pesca. Freitas (2018) descreve que, nesse processo, duas pescadoras se posicionam nas extremidades do *puçá*, segurando firmemente as hastes de madeira enquanto arrastam o instrumento. O domínio dessa técnica exige força, coordenação, conhecimento do ambiente e do tempo da maré, saberes que se constroem na prática cotidiana e na troca entre gerações.

Figura 2: Puçá de arrasto amarrado entre as árvores no quintal de pescadora



Fonte: Trabalho de campo, 2024.

Essa aprendizagem ocorre majoritariamente entre mulheres, por meio das relações geracionais. Como observam Oliveira, Vieira e Júnior (2018), os ensinamentos dados pelas e para as mulheres não coincidem com aqueles ensinados aos homens, sendo estruturados conforme uma rígida divisão sexual do trabalho. As jovens pescadoras aprendem com as mães, pais, pessoas mais velhas da família e esposos a manejar o mangue e os petrechos, além de dominar o beneficiamento do pescado, como a limpeza, o cozimento e a salga. Nesse processo, se constrói uma relação com o ambiente pautada pela experiência passada e pelo cuidado.

Entre as entrevistadas no interior da UC, a pesca de camarão aparece como uma prática compartilhada dentro da própria casa. A maioria afirmou que outros membros da família também pescam, como filhos, filhas, companheiros ou irmãs, indicando que a atividade costuma envolver mais de uma pessoa da residência. Já entre os homens, esse tipo de compartilhamento familiar apareceu com menos frequência. Esses dados sugerem que, entre as mulheres, a pesca tende a funcionar como uma atividade mais coletiva na rotina familiar, enquanto entre os homens ela aparece de forma mais individual.

Esse aspecto também se reflete na destinação da produção. Algumas das pescadoras afirmaram destinar toda a captura ao consumo doméstico. Já entre os homens, todas as falas apontavam para a venda integral ou parcial da produção como prática mais comum. Essa diferença nos sentidos atribuídos à pesca ficou evidente em várias respostas: “Tem sempre o que comer”, disse uma das entrevistadas; “A pesca do camarão é tudo pra gente. Foi como nossos pais criaram todos os filhos”, disse outra. Entre os homens, a atividade aparece mais frequentemente descrita como fonte de renda, principal ou complementar.

Ainda que o sustento da família seja recorrente nas narrativas femininas, a pesca também viabiliza outras formas de autonomia. Jacque, uma das entrevistadas, contou que a renda obtida com o camarão lhe permitiu realizar conquistas importantes, como a construção da própria casa. A imagem abaixo mostra a residência erguida por ela mesma, com recursos exclusivamente provenientes da pesca.

Figura 3 - Casa construída por pescadora da RESEX-Mar Mocapajuba com a renda da pesca do camarão. Ponta Bom Jesus, São Caetano de Odivelas-PA.



Fonte: Trabalho de campo, 2025.

Essa distinção revela arranjos distintos e lógicas diferentes de manejo. No caso das mulheres, a pesca aparece ligada à reprodução da vida coletiva, à segurança alimentar dos filhos e à manutenção do território como espaço habitado e cuidado. Como destaca Cardoso (2007), entre populações amazônicas, o trabalho feminino ultrapassa a dimensão econômica, pois envolve um conjunto de práticas de produção e de reprodução social, desde o cuidado com a família até o manejo de roçados, quintais e recursos naturais. Na RESEX-Mar Mocapajuba, as mulheres também se envolvem com a mariscagem, a agricultura de subsistência e a criação de animais, compondo um sistema produtivo diversificado e complementar.

É possível observar que as pescadoras evitam capturar espécies muito pequenas ou em excesso, e têm um cuidado particular com pequenos animais que aparecem de forma não intencional, a chamada fauna acompanhante. Muitas vezes, elas separam o que será aproveitado e soltam o restante ainda vivo, demonstrando uma relação de respeito com o ambiente. Como são elas que preparam os alimentos da casa, costumam incorporar ao cardápio aquilo que consideram aproveitável, garantindo variedade nas refeições e reforçando práticas de cuidado (Freitas, 2018).

Sendo assim, o *saber-fazer* das pescadoras da RESEX-Mar Mocapajuba se expressa em decisões como onde, quando e como pescar, evitar a captura de espécies

pequenas e manejar com cuidado a fauna acompanhante, sempre considerando as exigências do ambiente e as responsabilidades ligadas ao sustento e à organização do lar. São escolhas que permitem assegurar o alimento sem comprometer a continuidade dos ciclos naturais dos quais dependem. Tal qual propõe Cavalcanti (2012), trata-se de uma ética da sustentabilidade orientada não pela lógica da eficiência produtiva, mas pela manutenção da vida em suas múltiplas dimensões.

O manejo no cotidiano das pescadoras é uma expressão da noção de coviabilidade (Barrière et al., 2019). Além da coexistência com o ecossistema, essas ações revelam modos de vida que o conservam e o fortalecem. É a partir dessas práticas, vividas e transmitidas pelas mulheres, que se desenha uma visão de mundo capaz de sustentar a demanda por uma Unidade de Conservação. A RESEX, nesse sentido, emerge como resposta política articulada ao modo de ser e fazer das pescadoras, o que é explorado na subseção seguinte.

2.2 A atuação política de mulheres pescadoras na criação da RESEX-Mar Mocapajuba

Em 10 de outubro de 2014, é criada a Reserva Extrativista Marinha Mocapajuba, localizada em São Caetano de Odivelas/PA, através do Decreto S/No. A criação dessa RESEX-Mar surge como resposta a uma demanda persistente da comunidade local pela conservação dos recursos naturais do município e pela reprodução das populações pesqueiras que ali habitam (ICMBio, 2014; Lobo, 2017). O decreto define que os objetivos da RESEX são a conservação da biodiversidade e o uso sustentável dos recursos naturais pelas populações extrativistas e a valorização de seus modos de vida e culturas (DOU, 2014).

Apesar de sua criação oficial no ano de 2014, Santos (2016) demonstra que seu processo de construção se deu bem antes desse período. As etapas se estenderam por quase duas décadas, tendo início em 1997, quando um grupo de mulheres pescadoras manifestou interesse na criação de uma reserva para o município. Entre elas, Dona Lourdes, liderança local entrevistada nesta pesquisa e primeira mulher a presidir a colônia de pescadores, rememora: *“Foi lá em Outeiro, em 97, que falaram da RESEX florestal. Aí eu cochichei com a colega e disse assim mesmo: se a RESEX florestal dá*

dinheiro, por que que o mangue também não é uma floresta, se é de lá que a gente tira todo o nosso sustento?” Essa percepção se liga ao conceito de maretório, que entende o espaço costeiro como lugar de vida, cultura e trabalho, atravessado pelos ciclos das marés e pelo conhecimento construído no cotidiano (Lima, 2022). A fala também revela como o conceito de RESEX-Marinha ainda era incipiente no debate público, sendo construído pela própria experiência das comunidades costeiras.

A trajetória política das mulheres da região se dá pelo fortalecimento institucional de suas organizações. Dona Lourdes relembra o papel exercido nos bastidores da Colônia Z-04, antes mesmo de assumirem cargos formais: *“Nós assumimos a colônia botando uma pessoa, um cidadão, pra assumir a responsabilidade de presidente. Enquanto nós ficávamos aqui do lado de fora dando toda essa assistência a esse cidadão pelo conhecimento que a gente já tinha lá fora.”* O associativismo feminino, conforme destaca Santos (2016), emergiu como alternativa à resistência institucional de atores como a própria Colônia, que não reconheciam as mulheres como trabalhadoras da pesca.

A familiaridade com a pesca desde a infância conferiu às mulheres da região, como Dona Lourdes, uma autoridade sobre o território e os modos de vida costeiros. Aos nove anos, ela já participava da comercialização dos peixes pescados pelo pai; aos doze, tinha seus próprios petrechos e alguma autonomia para atuar na atividade. Esse saber construído no cotidiano se tornou um ponto importante para sua atuação política.

Lideranças como Dona Lourdes tiveram um importante papel para a mobilização local e para a articulação com atores externos, contribuindo para a construção coletiva da RESEX-Mar Mocapajuba. Foi Dona Lourdes quem introduziu a pauta da reserva junto aos demais membros da Colônia e intermediou o diálogo com um representante do ICMBio, que passou a acompanhar as reuniões e esclarecer dúvidas da comunidade sobre o funcionamento da unidade de conservação. A proposta enfrentou resistência inicial, pois muitos temiam que a criação da RESEX proibisse determinadas práticas tradicionais. Com o passar dos anos, o engajamento foi sendo costurado entre incertezas, negociações e disputas internas, até culminar, em 2014, na criação oficial da reserva, resultado de uma trajetória marcada por esforço coletivo e persistência.

Por fim, constata-se que a criação da RESEX-Mar Mocapajuba não decorre de uma política pública isolada, mas de uma longa e persistente mobilização política, resultantes dos modos de ser e fazer das pescadoras artesanais da região. É nesse sentido que as categorias de sustentabilidade (Cavalcanti, 2012) e cobiabilidade (Barrière et al., 2019) figuram como chaves de leitura, dado que a RESEX é resultado de um projeto político comunitário que visa garantir a continuidade da vida, do sustento e do território. Foram as práticas e os saberes das mulheres que justificaram a criação da unidade de conservação e deram sentidos próprios ao território desde o início. A RESEX-Mar Mocapajuba é fruto de uma ética partilhada de cuidado e pertencimento, e é também nessa perspectiva que se colocam os desafios de sua gestão e permanência.

Considerações finais

Este trabalho buscou compreender como as perspectivas de sustentabilidade e cobiabilidade se manifestam no *saber-fazer* das pescadoras da RESEX-Mar Mocapajuba, articulando os dados de campo com categorias críticas ao modelo hegemônico de gestão ambiental. A discussão teórica apresentou a colaboração da economia ecológica (Cavalcanti, 2010; 2012; 2015) e, em seguida, os fundamentos da categoria cobiabilidade (Barrière et al., 2019), propondo um deslocamento de foco da eficiência produtiva para a continuidade da vida em sua pluralidade e interdependência.

A partir disso, foram analisadas as práticas cotidianas das mulheres na pesca artesanal, sobretudo a de arrasto de camarão, revelando modos de manejo orientados pelo conhecimento ecológico local e preocupação com a reprodução social do território. Na segunda parte, discutiu-se a trajetória política das mulheres pescadoras na criação da Unidade de Conservação, evidenciando que a RESEX-Mar Mocapajuba não é resultado apenas de políticas institucionais, mas da mobilização coletiva construída a partir dos modos de ser e fazer dessas mulheres.

A análise das experiências de manejo e mobilização comunitária permitiu confirmar a hipótese que orienta este estudo: são justamente as perspectivas de sustentabilidade e cobiabilidade, tal como vividas e praticadas pelas pescadoras, que engendraram o processo de criação da RESEX-Mar Mocapajuba. Esse processo reafirma a centralidade das mulheres na gestão do território, além de revelar outras

possibilidades de habitar e conservar o maretório. Sendo assim, ao passo que Lobo et al. (2024) analisam o deslocamento das representações femininas na literatura sobre a pesca amazônica, da invisibilização ao reconhecimento do protagonismo das mulheres, este trabalho procurou mostrar como esse protagonismo se concretiza nas práticas cotidianas e nas decisões que mantêm viva a possibilidade de um futuro no território costeiro.

Referências

BARRIÈRE, O.; PROST, C.; RAVENA-CAÑETE, V.; DOUZAL, V.; FARGETTE, M.; AUBIN, J.-P. **Introductory chapter:** an interweaving to be formalized, the biosphere faced with the relationship between the human and the non-human. In: BARRIÈRE, O. et al. (Org.). **Coviability of social and ecological systems: reconnecting mankind to the biosphere in an era of global change. Vol. 1: The foundations of a new paradigm.** Cham: Springer, 2019. p. 1–38.

BRASIL. **Decreto de 10 de outubro de 2014.** Cria a Reserva Extrativista Marinha Mocapajuba, localizada no Município de São Caetano de Odivelas, Estado do Pará. Diário Oficial da União: seção 1, Brasília, DF, 13 out. 2014.

CARDOSO, D. M. Catadoras de caranguejo e saberes tradicionais na conservação de manguezais da Amazônia brasileira. **Revista Estudos Feministas**, v. 15, p. 485-490, 2007.

CASTRO, E. M. R. **Introduction:** coviability, the challenge of ruptures to re-establish the relationship between society and nature. In: BARRIÈRE, O. et al. (Org.). **Coviability of social and ecological systems: reconnecting mankind to the biosphere in an era of global change. Vol. 2: Coviability questioned by a diversity of situations.** Cham: Springer, 2019. p. 1–9.

CAVALCANTI, C. **Concepções da economia ecológica:** suas relações com a economia dominante e a economia ambiental. *Estudos avançados*, v. 24, p. 53-67, 2010.

CAVALCANTI, C. **Pensamento socioambiental e a economia ecológica:** nova perspectiva para pensar a sociedade. *Desenvolvimento e Meio Ambiente*, v. 35, p. 435-45, 2015.

CAVALCANTI, C. **Sustentabilidade:** mantra ou escolha moral? Uma abordagem ecológico-econômica. *Estudos avançados*, v. 26, p. 35-50, 2012.

DE OLIVEIRA, F. P.; VIEIRA, N. C.; JÚNIOR, S. R. **As famílias do mangue e suas práticas holísticas:** um estudo no nordeste paraense, Amazônia, Brasil. *Amazônica-Revista de Antropologia*, v. 9, n. 1, p. 316-337, 2018.

FASSARELLA, S. S. **O trabalho feminino no contexto da pesca artesanal:** percepções a partir do olhar feminino. *Revista Ser Social*, v.10, n.23, p.171-194, 2008. https://doi.org/10.26512/ser_social.v10i23.12956. Acesso em: 13 de julho de 2025.

FIGUEIREDO, M. M. A.; PROST, C. **O trabalho da mulher na cadeia produtiva da pesca artesanal.** *Revista feminismos*, v. 2, n. 1, 2014.

FREITAS, H.; OLIVEIRA, M.; SACCOL, A. Z.; MOSCAROLA, J. **O método de pesquisa survey.** *RAUSP Management Journal*, v. 35, n. 3, p. 105-112, 2000.

FREITAS, J. O. S. **Etnoecologia e pesca de camarão: ações sustentáveis entre mulheres pescadoras de Boa Vista, São Caetano de Odivelas-PA.** Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Ciências Biológicas) - Universidade Federal do Pará, Belém, 2018.

FURTADO, L. G. **Mulheres na pesca** – notas reflexivas a partir de trabalhos de campo na Amazônia. *Revista Científica do Núcleo de Pesquisas Eleitorais e Políticas da Amazônia – NUPEPA/UFRR*, v. 3, n. 2, p. 616–625, 2015.

FURTADO, L. G. **Pesca artesanal: um delineamento de sua história no Pará.** Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi. Nova Série Antropologia, Belém, n. 79, p. 1-50, abr. 1981.

ISAAC-NAHUM, V.J. 2006. **Exploração e manejo dos recursos pesqueiros do litoral amazônico: um desafio para o futuro.** In: Leff, E. Ecologia, capital e cultura: a territorialização da racionalidade ambiental. Editora Vozes, Ciência e Cultura, 58 (3): 33-36.

LIMA, P. V. S. **Maretório: o giro ecoterritorial dos povos extrativistas costeiro-marinhos do litoral da Amazônia paraense do litoral da Amazônia paraense?.** Orientadora: Tania Guimarães Ribeiro. 2022. 125 f. Dissertação (Mestrado em Sociologia e Antropologia) - Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Pará, Belém, 2022.

LOBO, Q. H. P. L.; CORREIA, A. E. M. C.; ROCHA, T. T. M. R. RAVENA-CAÑETE, V. **Da invisibilização à sustentabilidade: transformações nas representações da mulher na literatura sobre pesca na Amazônia Paraense.** V Seminário Internacional América Latina e Caribe 2024 – V SIALAT. p. 1922-1938, 2024. Disponível em: <https://sialat2024.com.br/wp-content/uploads/2024/07/GT07-COMPLETO-1.pdf>

LOBO, Q. H. P. **Populações tradicionais da Amazônia: um estudo de caso na vila do Aê, em São Caetano de Odivelas - Pará.** Orientador: Voyner Ravena Cañete. Coorientador: Estanislau Luczynski. 2017. 78 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Oceanografia) - Faculdade de Oceanografia, Instituto de Geociências, Universidade Federal do Pará, Belém, 2017. Disponível em: <http://bdm.ufpa.br/jspui/handle/prefix/875>.

RAVENA-CAÑETE, V; LOBATO, F. H. S. ; LOBO, Q. H. P. **Caracterização socioeconômica da pesca de arrasto de camarão na costa Norte e Nordeste do Brasil.** Belém. Organização das Nações Unidas Para a Alimentação e a Agricultura: FAO, 2018.

SANTOS, S. P. **RESEX-MAR DE SÃO CAETANO DE ODIVELAS/ PA: UMA ETNOGRAFIA DOS CONFLITOS SOCIOAMBIENTAIS.** Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal do Pará - Programa de Pós-Graduação em Sociologia e Antropologia. Belém-PA, 2016.

SILVA, R. C. **Caracterização da pesca artesanal de puçá de arrasto de camarão: sustentabilidade e etnoecologia entre pescadores artesanais em Ponta Bom Jesus - São Caetano de Odivelas (PA).** Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em Ecologia Aquática e Pesca - Universidade Federal do Pará, Belém, 2020.

THOMPSON, P. **A Voz do Passado:** história oral. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1992.
Rio de Janeiro: Contemporânea, 1998.